

## UMA TRAJETÓRIA MILITANTE NO RÁDIO NA AMAZÔNIA

*Florêncio Almeida Vaz Filho*

Indígena do povo Maytapu (Pará), graduado em Ciências Sociais (UFRJ), mestre em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ) e doutor em Ciências Sociais/Antropologia (PPGCS/UFBA). É professor no Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) na UFOPA. Estuda povos indígenas e comunidades tradicionais na Amazônia, festas e pajelança. e-mail: florencioalmeidavaz@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5514-1148>

No campo da comunicação na Amazônia, não é difícil encontrar programas de rádio em que a fala, as crenças e o modo de ser dos povos tradicionais são ridicularizados e tratados como folclore<sup>1</sup>. Normalmente, nesses programas, há uma tendência de reforçar a visão de que as populações amazônicas têm uma espécie de subcultura em processo de desaparecimento, conforme avança a “civilização”. Não é à toa que muitos indígenas, quando vêm para a cidade, preferem negar suas origens para evitar preconceito e discriminação.

A partir dessa realidade, pergunto: como mostrar de forma adequada as crenças, costumes e valores dos povos da Amazônia em uma emissora de rádio? Para mim, *o primeiro desafio do comunicador é superar essa visão preconceituosa e encarar a cultura dos moradores da Amazônia como portadora de uma dignidade própria e merecedora de respeito*. Para contribuir com esta reflexão, vou dar um testemunho da minha própria relação com o rádio, particularmente a Rádio Rural de Santarém, no Estado do Pará, Amazônia Brasileira. Essa experiência talvez possa ser útil para outros profissionais da comunicação na região.

Sou indígena do povo Maytapu, aldeia Pinhel, no baixo rio Tapajós, Estado do Pará, Brasil. Em outubro de 1997, retornei a Santarém depois de

---

<sup>1</sup> Usamos o termo folclore no seu sentido pejorativo, que se refere aos costumes de moradores da zona rural, vistos como ultrapassados e ligados às superstições, algo que os moradores das cidades costumam explorar através do exagero e do ridículo. Por exemplo: a fala gramaticalmente errada, crenças absurdas e vestes de tipo “caipira”. É uma forma de olhar para a cultura popular de comunidades tradicionais ou indígenas, que se alimentou de alguma forma no conceito de folclore tal como usado nos estudos de Ciências Humanas no Brasil, desde o fim do século XIX até meados do século XX, quando foi suplantado pelo conceito de cultura popular nos anos 1960, e novamente substituído pelo conceito de patrimônio cultural a partir dos anos 1990 (ROCHA, 2009). O conceito de folclore usado pelos intelectuais se referia a práticas culturais tradicionais ameaçadas de desaparecimento com o avanço do desenvolvimento e da modernização, e que ajudavam a formar a cultura nacional.

estudar a graduação e o mestrado em Ciências Sociais no Rio de Janeiro. No entanto, eu não havia me afastado completamente da região, pois entre 1993 e 1994 eu desenvolvi um projeto de iniciação científica em algumas comunidades ribeirinhas (VAZ FILHO, 1996). Entre 1995 e 1997, estive novamente no rio Tapajós para realizar pesquisa de campo do mestrado (VAZ FILHO, 1997). Mesmo sendo nativo do rio Tapajós, após essas primeiras pesquisas no campo da Antropologia, voltei vendo coisas que antes não enxergava, ou olhando para as mesmas coisas de maneira diferente.

Entre outras lições, eu havia aprendido que a nossa história era uma história indígena, de resistência e teimosia. Após as derrotas militares das guerras contra os dominadores, para sobreviver, nossos antepassados tiveram que assimilar vários costumes dos colonizadores e silenciar sobre sua história, negar sua identidade e parte da sua cultura indígena. *A história recente das comunidades nativas da Amazônia tem sido uma história de negação de si. O segundo desafio para quem quer se comunicar com esses povos é resgatar e considerar essa história, afirmando seus sujeitos ao invés de invisibilizá-los.*

Retornando a Santarém, trouxe ideias de fazer algo para mudar esse quadro. É interessante dizer também que desde 1996 havia iniciado na região uma grande mobilização pela criação da Reserva Extrativista (Resex)<sup>2</sup> Tapajós-Arapiuns. E eu estava envolvido no processo, mostrando a antiguidade da presença indígena naquele território e que aqueles moradores possuíam uma cultura apropriada ao manejo dos recursos naturais. Assim, era legítima a sua reivindicação pela criação da Resex, que lhes reconheceria legalmente como donos da área.

Em 1998, o padre Valdir Serra, então diretor da Rádio Rural e apresentador do programa “Recado do Padre”, teve que se afastar para se candidatar a deputado estadual. E pediu-me que o substituísse no programa. Comecei a mandar os recados dos padres e, junto, os meus recados também. Eu não tinha nenhuma experiência de fazer rádio, mas conhecia bem a mentalidade, a linguagem e a vida dos moradores do interior, que eram os principais ouvintes da Rádio Rural. No programa, eu falava dessa vida das pessoas e, principalmente, da luta pela Resex como um exemplo de mobilização em defesa das suas terras, direitos e do seu modo de ser. Através

---

<sup>2</sup> Reserva Extrativista (Resex) é uma Unidade de Conservação (UC) criada pelo Estado Brasileiro, com objetivo de proteger o meio ambiente e os modos de vida de populações tradicionais, e de garantir o uso sustentável dos recursos naturais nesses territórios.

de entrevistas, a voz dos líderes comunitários passou a ecoar com mais frequência no programa.

Pude sentir imediatamente o impacto desse discurso nas comunidades. As pessoas se sentiam lembradas e valorizadas, e sentiam que eu falava direto com elas. Eu repetia no programa frases e ideias que ouvia nas reuniões e em conversas informais, e dava a elas um sentido maior. Por exemplo, certa vez um líder disse que, com a luta pela Resex, “o Governo vai saber que nós existimos, que aqui tem gente”. E eu completei dizendo que os ribeirinhos eram esquecidos, mas eles estavam sendo reconhecidos a partir de sua luta organizada. Minha linguagem era aquela usada nas comunidades, com palavras e expressões que as pessoas entendiam. Afinal, aquele era o mundo que eu conhecia pela minha vivência.

As músicas regionais eram selecionadas ao gosto do público. Sem esquecer os “abraços” enviados aos ouvintes, citando-os nominalmente, junto com os nomes das suas comunidades. *As pessoas gostam de ter seus nomes, e os de suas comunidades citados num programa de rádio, pois assim sentem-se reconhecidas na sua existência, vencendo o isolamento característico do mundo rural amazônico. Elas mandavam muitas cartas exatamente para serem citadas no ar. Isso aumentava sua autoestima.*

O programa fez multiplicar uma mensagem que até então só alcançava algumas centenas de pessoas. A criação oficial da Resex Tapajós-Arapiuns ocorreu em 1998. Também em 1998, o vilarejo Takuara, no rio Tapajós, assumiu publicamente sua identidade indígena, após o falecimento do seu líder, o pajé Laurelino, que era muito conhecido em toda a região. Todos esses fatos marcantes para essas comunidades foram anunciados com entusiasmo no nosso programa.

A decisão dos moradores de Takuara provocou surpresa entre os vizinhos e em Santarém. Afinal, todos pensavam que os *índios* da região haviam sido extintos. E eu celebrei a coragem do povo de Takuara de se afirmar indígena em meio a tanto preconceito e racismo. No programa, mostrei que era legítima a reivindicação daquele grupo, pois as raízes e a cultura daquelas comunidades eram indígenas. E ainda coloquei no ar trechos de uma entrevista do pajé Laurelino, na qual ele, orgulhosamente, se dizia indígena. Ele era admirado e respeitado em todas as comunidades do baixo rio Tapajós e em Santarém. Muitas pessoas se emocionaram ao ouvir de novo a voz do pajé. Ela completava o discurso de reforçar a autoestima dos moradores com relação à sua memória, cultura e identidade.

Após as eleições, o Pe. Valdir Serra (que não foi eleito) retomou o seu “Recado do Padre”. Mas eu tinha pegado gosto pela rádio e por programas voltados para as comunidades rurais. Em 1999, como agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), comecei a apresentar, junto com outros dois

colegas, o programa diário “Nossa Voz é nossa Vida”, com uma hora de duração, às 19 horas. Era um horário bom para alcançar os moradores das comunidades, pois ainda não havia eletricidade em todas as comunidades, e eram poucos os aparelhos de televisão. O programa era sucesso absoluto. As pessoas esperavam ansiosas pelo que iria ser noticiado ou comentado no programa. Havia entrevistas com autoridades e lideranças. Por exemplo, entrevistamos Celina Cadena, indígena do povo Baré, que veio ministrar a primeira oficina da língua nheengatu em Santarém, o que teve um impacto positivo em pessoas que ainda se lembravam da velha *língua geral* dos seus pais e avós. O diferencial com relação ao “Recado do Padre”, programa anterior, era que havia mais tempo, mais cartas dos ouvintes e mais músicas.

A aceitação positiva que os indígenas tiveram no seu movimento de reorganização se deu em grande parte devido à audiência desse programa. Constatei isso no I Encontro dos Povos Indígenas do rio Tapajós, na virada de ano de 1999 para 2000, em Jauarituba. Ali estavam dois apresentadores do “Nossa voz é nossa vida”: Izabel Cristina e eu. As pessoas falavam que escutavam no programa todas as informações sobre o evento, como transporte, convite e programação. Inclusive, o Coordenador da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Euclides Macuxi, foi entrevistado no programa na véspera de viajar para Jauarituba. O programa repercutia tudo o que acontecia nas mobilizações que envolviam as comunidades nos rios Tapajós e Arapiuns.

Continuei na equipe do programa até 2001. Em 2003, passei a comandar, na mesma Radio Rural, o programa “Paz e Bem” dos frades franciscanos, aos domingos pela manhã. Continuei a trabalhar no tema da valorização das populações nativas da Amazônia, suas lutas, saberes e tradições. Os indígenas tinham destaque em uma seção dentro do programa, chamada “A Voz dos Parentes”, que tinha em média 10 minutos, e abordava tudo o que dizia respeito aos indígenas.

Quando fui aprovado para cursar o doutorado em Ciências Sociais (VAZ FILHO, 2010), me ausentei de Santarém e do rádio em 2005. Dois anos depois, especificamente no início de 2007, eu estava novamente na cidade para realizar pesquisa de campo. O “Paz e Bem” tinha sido extinto e os indígenas não possuíam um programa próprio. Havia crescido um movimento anti-indígena, em que os críticos diziam que assumir-se indígena era “voltar para trás” e perder direitos. Seus porta-vozes diziam isso nos jornais e nas rádios.

Nesse contexto, tinha começado em Santarém uma invasão do agronegócio da soja, capitaneada por empresários oriundos do Sul e Centro-Oeste, que trouxeram um claro desprezo pelos nativos da região, a quem acusavam de “preguiçosos” e de serem contra o “desenvolvimento”. Para

eles, o “desenvolvimento” era a soja e o porto da transnacional Cargill, construído em Santarém naqueles anos sob muitos protestos. Procurei o então diretor da Radio Rural, Pe. Edilbero Sena, solicitando um espaço para apresentar um novo programa. A ideia era continuar o trabalho de valorização da história e da cultura amazônica, defendendo “aquilo que é nosso”. Qual nome seria símbolo da nossa resistência cultural e do nosso amor-próprio? O singelo *xibé*, que todos bebem nas comunidades rurais. É uma mistura de farinha de mandioca com água. E assim surgiu, em 2007, o programa “A Hora do Xibé”, com 15 minutos diários, que logo passou para 30 minutos, a cada dois dias.

Não ficamos restritos à defesa da cultura indígena, mas destacamos os povos tradicionais na região, que incluía os quilombolas, ribeirinhos, moradores das pequenas cidades etc. Os indígenas continuaram tendo espaço, mas a cara do programa era a defesa do “nosso” *versus* aquilo que vêm “de fora”, e que não respeita a nossa cultura. O programa manteve as reflexões sobre aspectos do nosso modo próprio de ser e sobre fatos marcantes da história, como Guerra da Cabanagem (1835-1840), quando se destacou o protagonismo dos nativos nas lutas de resistência. Sempre com relatos dos próprios moradores. Na parte musical, optamos por tocar apenas artistas da Amazônia.

No quadro “Dicionário Papa-Xibé”<sup>3</sup>, destacávamos as palavras e expressões típicas na região (muitas originadas do *nheengatu*). Mas o momento mais esperado era o “relato dos ouvintes”, quando os próprios moradores falavam sobre suas práticas, valores e mitos<sup>4</sup>, como o boto, cobra-grande ou curupira. Mas isso sem o apelo ao caricatural ou ultrapassado, e sim afirmando a validade daqueles modos de sabedoria popular. O sucesso foi imediato. As pessoas se identificaram com os relatos, pois tratavam de fatos corriqueiros entre eles, mas raramente contados à luz do dia e sem serem motivos de gozação. As cartas dos ouvintes, que continuaram sendo lidas no ar, confirmavam isso.

---

<sup>3</sup> A expressão *papa xibé* significa pessoa que consome bastante *xibé*. Tem algo de pejorativo, pois seriam os mais pobres os que mais comem *xibé*. Papa aqui é do verbo *papar* (comer), comum no português brasileiro.

<sup>4</sup> Nosso entendimento de mito aqui é o contrário de falso ou fantasioso. Trata-se de relatos da tradição oral que, através de uma linguagem simbólica ou metafórica, transmitem verdades sobre como as coisas são e sobre como devem ser a vida social e a relação das pessoas com a natureza.

Entre o fim de 2007 e início de 2010, data da defesa da minha tese, tive que me concentrar mais no doutorado. Nesse período o programa continuou sendo apresentado por voluntários jovens quilombolas, negros, indígenas e ribeirinhos, que mantiveram a mesma linha editorial. Foi realizado um concurso com premiação para relatos de mitos, o que fez aumentar ainda mais a participação e o envio de histórias. Afinal, *os moradores têm muitas histórias para contar, e gostam de ouvir histórias. O programa lhes deu oportunidade e espaço. Eram as pessoas comuns que relatavam suas experiências, com seu próprio linguajar. E elas perceberam e gostaram muito dessa valorização.*

Esses programas têm sido importantes veículos de divulgação dos valores e ideais dos indígenas e dos moradores do interior. Um dos diferenciais é que são os próprios moradores que contam as suas histórias, e fazem isso do seu jeito. Assim, as ideias equivocadas sobre os índios e sobre os ribeirinhos em grande medida foram ultrapassadas. Para concluir, digo que *o mundo e a voz dos ouvintes devem ser considerados o combustível de um programa. O sucesso vai depender de estar sintonizado com a realidade, os valores, costumes e os sonhos das pessoas e comunidades às quais o programa se destina.* Eu e os outros voluntários do programa já conhecíamos esse mundo. Mas as visitas às comunidades trouxeram mais aproximação e sensibilidade para entender os nossos ouvintes. Para acolher e compreender os recados que nos chegavam. Muito do que o Hora do Xibé se tornou devemos à escuta da opinião dos ouvintes.

Esses ouvintes têm uma enorme riqueza cultural e humana que pode contribuir com a comunicação. Mas é necessário também ter o olhar e o ouvido interessados nessa aproximação. Ao mesmo tempo, essas pessoas precisam ser enriquecidas com informações atualizadas e críticas sobre temas aos quais não têm fácil acesso: política, saúde, direitos, meio ambiente etc. É uma troca. Nossa responsabilidade, como radialistas, é enorme nesse processo, pois nós conduzimos o diálogo. *Sem esse respeito pelo outro, resta o monólogo. Após séculos de colonização, os nativos da Amazônia estão aprendendo a ser novamente sujeitos da sua história. E o rádio é o meio de comunicação que mais tem estado próximo como canal dessa emergência. É o que eu vejo, é o que eu vivo.*

## REFERÊNCIAS

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. *Mediações*. v. 14, n.1, p. 218-236, Jan/Jun. 2009.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A emergência étnica dos povos indígenas no baixo rio Tapajós (Amazônia)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGCS-UFBA; Salvador, 2010.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Indicadores de Sustentabilidade de Comunidades Ribeirinhas da Amazônia Oriental**. Dissertação de Mestrado, CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, 1997.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. Ribeirinhos da Amazônia; Identidade e Magia na Floresta. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, Ano 90, v. 90, n. 2, p. 47-65, mar.-abr. 1996.